

PREFÁCIO

Há alguns dias, quando eu estava na bela cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, fui surpreendida com um *e-mail* do poeta Américo Teixeira. Era o boneco do livro já pronto para publicação, em vias de ser entregue à editora. Estava acompanhada da seguinte mensagem: *“Decidi hoje, fechar os olhos, reprimir a racionalidade e, porque não dizê-lo, o pudor autocrítico, sabe que sempre que edito, fico com uma grande angústia, ando durante uns tempos agoniado, enjoado, com a sensação de que o texto não tem dignidade literária e estética, para ser apresentado ao público. Bom, mas até por isso, submeto-o à sua acutilante análise e sentido crítico”*. Confesso que me senti lisonjeada com a confiança depositada em meu trabalho, por um poeta que já não precisa de apresentações, pois as suas obras, anteriormente publicadas, servem de testemunho da excelência de sua qualidade literária. Assim, de imediato, pus-me a ler o texto para inteirar-me do conteúdo.

A partir da leitura do primeiro poema, já se torna visível a sua singularidade poética, na medida em que ele transgride as fronteiras do banal e transcende por meio da “Palavra liberta”, em busca de sentir os prazeres de compor “este cântico enclausurado” que emana de sua alma poética.

“Nada existe de grandioso sem paixão”, disse o filósofo Hegel. Esta máxima cabe perfeitamente como referência a Américo Teixeira, pois a paixão está impregnada em seus poemas, não apenas como um sentimento que provoca a imaginação e o desejo, mas, sobretudo, como elemento de realização de sua escrita poética. No entanto, o poeta, num “movimento vergado ao sonho”, produz o pensamento inverso ao de Hegel, ultrapassa o âmbito meramente objetivo e atinge uma realidade subjetiva. Mas, é interessante notar que, assim como Hegel, a preocupação de Teixeira é expressar o conteúdo verdadeiro, que no poeta, são os seus sentimentos e desejos verdadeiros, como resultado da unificação entre infinito e o finito, dimanando no universal. Percebe-se que o universal artístico em Teixeira é moldado pelas imagens que ele cria de maneira simbólica, proporcionando ao poema uma aparição sensível de “uma harpa impaciente” que, entre tempestade e neblina, provoca “um cansaço feliz”, talvez seja esta a essência de sua poética, a expressão de um eu lírico impaciente, ativo, amoroso e,

sobretudo, sensual que diz: “Nesta hora, escrevo com mão esquecida sobre o teu corpo / numa arrumação secreta, como quem goteja / a fermentação das estrelas ancoradas na tua boca / como se fosse um implacável deus do amor”. A beleza de poder oscilar entre variados sentimentos faz com que alguns escritores sintam-se motivados a imortalizar o que de melhor viveu ou sonhou através da palavra, alguns escrevem em narrativas, outros preferem os textos líricos para expressar suas emoções, como é o caso de Américo Teixeira.

Ao longo da leitura de *O Desafio das Estações*, o poeta parece desafiar o leitor a ficar atento aos detalhes e pormenores que sua escrita expõe. Percebe-se que ele quer mostrar que o homem, de forma genérica, passa por um processo semelhante ao das estações do ano que intercalam, se transformam e completam um ciclo. Simbolicamente, a primavera corresponde ao princípio, à fase inicial da vida, ou um começo que, para o poeta, simboliza a esperança, por isso ele deseja e espera “até que a primavera brote seus delírios inflamados” e, mesmo que o momento esteja regado pela dor da solidão, ele segue “fitando o nascimento dos rebentos da primavera”.

Dizem que o verão traz sempre uma aura de juventude, representa força, virilidade e período de frutificação, a natureza festeja com o sol da nova estação, no entanto, o poeta mostra-se fragilizado, cético perante a natureza exuberante e diz “Eis a ilusão da vida, ó rio tão visível / cântico retido no plácido sossego”, ele vê e sente o verão através do Douro, que ao mesmo tempo em que lhe transmite beleza e paz, enche-lhe de nostalgia e sentimento de solidão expressa nos versos: “Sigo esta melodia inclinada por veredas e carreiros / enquanto observo os aromas do verão / inesperada loucura com que olho a solidão,”. Esses versos apresentam uma reflexão sobre estado de alma vivido pelo sujeito poético, que observa o viço do verão, mas mantém o olhar introspectivo no seu estado de alma, apesar disso, ele segue a melodia da estação, no entanto, não apresenta uma solução para o conflito interior, apenas uma sequência de imagens envoltas no sentimento de desesperança em que está alicerçada a temática de seus poemas, assim ele exprime: “Agora junto aos trilhos antigos, inscritos na memória / cansados de tanto verão”. O poeta se despede dessa estação, declarando: “espero o cheiro da terra quente, as primeiras chuvas do Outono”.

E assim, “como quem grita o outono”, Teixeira continua sua escrita sob o foco de uma nova estação em que, simbolicamente, a jovialidade e as capacidades físicas entram em decadência e alargam o espaço para “uma saudade a bater como um tambor”. O eu lírico expressa “uma melodia esquecida, um território deixado / lá longe, na circulação do Outono”. Nestes versos, a vida do poeta parece declinar, suas expectativas parecem amarelar e cair sob o foco de “uma luz magoada de esperança”, mas ele observa que o tempo é mutável e que “Há uma borboleta tombada no charco / um poente novo, secreto ocaso, as folhas / de nenúfares enternecidas”, então ele conclui: “Sim, tudo isto é excelente”.

Na estação do inverno, o poeta mostra-se ainda mais introspectivo em seus versos. Talvez porque o inverno represente um momento de recolhimento, a natureza se transforma em ambiente gélido e parece paralisar a vida, por isso, o poeta diz que “o mundo é taciturno no inverno”. Mas como tudo na vida é um processo de contínua transformação, ele não fica parado no tempo, tem consciência de que o inverno também passa, por isso diz: “Sigo esse cântico plangente das chuvas”. Assim, encharcado de sentimentos diversos, Teixeira adapta sua poesia às condições de cada momento vivido em cada fase da vida, representada, aqui, pelas estações, de forma harmoniosa, provocando sensações e encantamento no leitor.

A poesia se faz mais presente na vida de escritores que parecem possuir personalidade forte, e toda essa mistura de sentimentos desperta no leitor certo encanto por um mundo repleto de sonhos e desejos, localizados no poema. A poesia de Teixeira provoca esse encanto, por meio de uma associação de imagens advindas dos sentidos contraditórios, como nestes versos: “Tenho a invenção do destino e a música / a cor das sombras das terras e a alteridade (- a fala imunda do silêncio sem fundo desse teu sorriso levíssimo -,) / o frio da respiração, os signos poéticos / pulsando de azul e a interrogação das serpentes”. Essa valorização das imagens configura um estilo próprio à poesia do autor, que se caracteriza, também, pelo mergulho no universo de sensações, de combinação de ideias e símbolos, que favorece a outra análise literária mais profunda, a partir dos símbolos que reincidentem frequentemente na sua lírica, como por exemplos: a mulher, o corpo, a noite, a lua, a asa, um alinhamento de imagens que podem contribuir para os possíveis

sentidos que levarão a uma maior compreensão da obra do poeta, é “a imagem poética, aparecendo como um novo ser da linguagem”, de acordo com Bachelard.

Neste sentido, Teixeira é um escritor com capacidade de pensar os mais variados elementos do poema, da forma ao conteúdo e às imagens, uma criação em que a linguagem é o principal elemento de exposição do pensamento sóbrio ou embriagado, “É o calor da paixão num leite profanamente alagado, / é a energia corporizada num coração nostalgicamente crestado, / é a contemplação sentida no êxtase embriagante / uma fragrância flamejante na tua pele tocada pela ponta da língua.”. Nestes versos, nota-se uma poesia marcada pelas sensações que o poeta reproduz por meio de sua lavra.

Américo Teixeira encanta o leitor, por expor sentimentos que oscilam entre amor e a dor, entre o delírio e a razão. O amor e a dor estão estampados em seus poemas que retratam sua melancolia e amores perdidos, mas que ao mesmo tempo mostram uma força e uma vontade de (re)viver: “Retardas, no exíguo pôr-do-sol, a memória labiríntica / de todos os instantes possíveis, encadeando a solidão / no abandono da alma silenciosamente perdida numa esquina / onde persistes perpetuar-te como uma dor desconhecida. / Partimos por partir, sem um fim definido, no deslumbramento / de nada sabermos do cais de chegada. / Nada me move, nesse doer e curar de alma com palavras”.

Seus poemas oscilam entre a busca do entendimento de si mesmo e o desejo de entrega e de posse do amor sem medidas, deixando claro que o importante é a busca da autorrealização: “É nesse instante de eternidades / que o teu corpo se torna pictoricamente divino / obsessivamente ritmo de balsas dançantes, limalha / acesa de cópulas de servidão de uma deusa impossível”.

É notório e ao mesmo tempo fascinante o fato de que o poeta, em alguns momentos, deixa de lado o pudor, para encantar e mostrar a beleza de seus sentimentos para quem está lendo. E não nos mostra apenas sentimentos íntimos, ele traça o retratos das paisagens geográficas e culturais do Douro, por meio de uma linguagem bem elaborada, de tom reflexivo, às vezes dramático; dos poemas de formas breves e versos mais livres: “Tudo me sabe a fraga e urze neste círculo de terra. / Douro, velho regato que guarda todas as

distâncias / que transportas os segredos da humanidade. / Agreste sede a vaguear entre pedras e vinhedos / esconderijo de aves, memória de remansos”.

Mergulhando na literatura universal, o autor faz referência a escritores como Kafka, Marguerite Duras e Byron: “Vim hoje à noite, proclamar a vida, prosseguir um ritual / sem *délicatesse* de Debussy, Mozart, mas com Chopin arrebatado, / - antes subversivo que submisso, útil, na inutilidade de si próprio. / Gostava de ser Byron nestas sombras despojadas, um reflexo / narcísico para dizer que fui o poeta da minha própria existência / a voz de um tempo que procura a alma intemporal / e o fado desse tempo e uma saudade que dói / por saber que não o viverei!

A escrita de Teixeira renova-se em cada poema, de acordo com o lugar e o momento em que ele se encontra, sua alma se derrama em reflexões, como no poema *Meditação em S. Leonardo de Galafura*, em que exprime: “Visito Torga no grito da pedra / nas raízes cúmplices do nosso diálogo / no silêncio árido das rochas em saudação”. Teixeira converte a poesia em processo intelectual, estabelecendo relação entre devaneio e inteligência, “enleado em velhos poemas e / canções de amor” apresenta o movimento evolutivo das coisas e da vida, “Como um rio evasivo, ir de um lado / para o outro, serpenteando como o cântico do rouxinol / pelas colinas cintilantes da vida, o imprevisto silencioso”, assim, ele mostra que a poesia constitui a natureza de um ser-poeta, uma conquista da linguagem. “a poesia é a expressão da —correspondência / que a linguagem é capaz de estabelecer entre o concreto e o abstrato, o material e o ideal”, de acordo com Baudelaire.

A linguagem, na poética de Teixeira, é repleta de símbolos e expressões conotativas. Por meio de seus poemas, o leitor “viaja” no tempo e no espaço da vida cósmica e cotidiana, pois segundo ele, “Viajar é ter uma janela no esquecimento / das constelações prometidas à vida feiticeira”. Convém ressaltar, que a metáfora nesses versos não é apenas uma figura de comparação, mas um registro de identidade da poética do autor.

A temática do feminino na poesia do autor vem ao encontro de seu desejo de realização literária. “Ah, dança mulher na oscilação do mundo, na embriaguez da noite!”, é por meio da beleza sensual que o feminino é evocado em sua imaginação. Note-se que a presença da ‘noite’ na poética teixeiriana é

constante, talvez porque o poeta busque na noite a inspiração para a criação de seus poemas, pois, é na noite que ele sente a solidão, as dores e o caos, conforme expressa nos versos: “e a noite alonga-se nos rumores desconhecidos / na orfandade da solidão dos pinhais”; é na noite também que sua poesia consegue transcender e sonhar, e no sonho ele é capaz de realizar seus desejos mais íntimos, “É nessa noite redonda, ó musa do irrepitível incandescente / que o tempo arde no solstício da felicidade”. Segundo Chevalier e Gheerbrant, “a noite simboliza o tempo das gestações, das germinações, das conspirações, que vão desabrochar em pleno dia como manifestação de vida. Ela é a imagem do inconsciente e, no sono da noite, o inconsciente se libera. Como todo símbolo, a noite apresenta um duplo aspecto, o das trevas onde fermenta o vir a ser, e o da preparação do dia, de onde brotará a luz da vida”.

Em alguns poemas, o poeta mostra um erotismo disfarçado na linguagem, como podemos ver nos versos que se seguem: “Por fim, meu amor, virei num apelo obstinado, / todo feito de silêncio ao teu ouvido, vibrante e inflexível, / segredar-te a verdade em ti / confundir o falso e o verdadeiro refúgio, / a geografia diluviana que sei descerem / pelos desfiladeiros do teu corpo cansado / deixar aromas imprevistos”. Percebe-se nestes versos, que o erotismo em Teixeira é vislumbrado de forma metaforizada, ao mesmo tempo em que desenha, com palavras, imagens sinestésicas capazes de provocar a imaginação do leitor. Observe-se, ainda, que o erotismo flui do sentimento amoroso expresso pelo eu lírico no poema.

A temática do amor na poesia teixeiriana, enaltece o ser feminino que, ora é enaltecido pelo desejo carnal, ora endeusado espiritualmente. Desta forma, o amor é a plenitude, como exclama o eu lírico: “Amei tudo isso! / deslumbras-me, no desencontro apaixonado, / nas interrogações aos desvios gramaticais da primavera”. Assim, acreditaremos com Edgar Morin que “O sentido do amor e da poesia é o sentido da qualidade suprema da vida”.

Em se tratando de texto poético, o tempo é outra categoria relevante na escrita de Teixeira. Quanto à questão de tempo cronológico, em suma, as poesias geralmente não costumam tê-lo, exceto quando se fala em determinadas horas em que o poeta lembra-se de seus amores, sonhos e devaneios. Como nos versos: “Nesse tempo era sempre Maio / nos teus

cabelos esvoaçavam pétalas / e continuamente havia um cheiro a feno molhado / sempre que as aves se transmudavam para a celebrar / a frescura alucinante do sol e o teu corpo era todo / o mudo à descoberta, enquanto as rolas desafiavam / o gaio por sobre os pinheiros floridos. / Nesse tempo, quando a tua voz era um relâmpago / soluçante por entre o centeio prenhe, seguíamos o caminho / da aldeia lá ao fundo, sem sabermos da idade / e o coração era feliz.

É nesse tempo que poetas se dão conta de quantos amores viveram ou perderam, de quantas pessoas e coisas especiais aconteceram e fizeram partes de suas vidas. Seguindo essa linha de pensamento, misturando o tempo cronológico com o psicológico, onde é marcado no tempo em que se dura cada momento e é eternizado na mente do poeta. No psicológico, percebe-se de forma bem clara o desejo de immortalizar o momento, de deixá-lo vivo na memória. Cada poeta possui o seu tempo, as suas próprias palavras para mostrar o significado e a essência dos seus pensamentos e isso torna cada poema único.

Finalmente, a poética de Américo Teixeira é constituída de grande riqueza simbólica, de paradoxos, reflexões, de imagens e linguagem altamente sensorial, o que traz singularidade a sua obra. Seus poemas nos fazem lembrar que na vida passamos por várias experiências e momentos que definem o que queremos e o que nos dá prazer. A utilização da escrita como um testamento de momentos vividos é um jeito que Teixeira encontrou para eternizá-los. Para que o mundo saiba “que toda a vida é um poema com muitas melodias”.

Wellitania Oliveira

Wellitania Oliveira, brasileira, nascida em Pombal, Paraíba. Graduada em Letras; Mestra em Literatura e Crítica Literária; Doutoranda em Ciências da Cultura. É professora universitária, pesquisadora, crítica literária, ensaísta, ativista cultural e poeta. Tem publicações em livros e revistas científicas e de literatura.